

# Entre a resistência e o renascimento: uma leitura junguiana sobre o problema do amor no livro de Jonas

## *Between Resistance and Rebirth: A Jungian Reading of the Problem of Love in the Book of Jonah*

**Laís Mendes de Souza Vieira Sales<sup>1</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-1263-4997>

**Resumo:** O presente artigo é fruto do IV Simpósio de Teologia da FTSA. Nele observamos como a narrativa bíblica, marcada por tensões, ambivalências e imprevisibilidade, oferece um material simbólico privilegiado para compreender os movimentos da consciência humana e sua busca por sentido. Apesar da relevância desse campo, ainda há uma lacuna de pesquisas que articulem de modo aprofundado a Psicologia Analítica e a Literatura Bíblica, sobretudo na leitura do livro de Jonas como uma experiência psíquica de transformação. Este artigo utiliza o método desenvolvido por Marie-Louise von Franz para observar o livro de Jonas a partir da estrutura narrativa dos contos e da dinâmica arquetípica entre ego e Self. A análise emprega autores como Robert Alter, Edward Edinger e Hans De Wit, conjugando crítica literária e psicologia simbólica para revelar o caráter terapêutico da narrativa. Como contribuição, a pesquisa demonstra que a ficção bíblica pode ser compreendida como uma “ficção que cura” (healing fiction), na medida em que expõe os dilemas do ego inflado, a resistência ao chamado interior e a possibilidade de renascimento psicológico por meio da integração da misericórdia divina. O conto de Jonas é, assim, interpretado como um processo de modelagem arquetípica que conduz a consciência à experiência da compaixão e à ampliação de sentido da existência. Conclui-se que a leitura simbólica do livro de Jonas oferece uma via fecunda de diálogo entre Psicologia Junguiana e espiritualidade bíblica, contribuindo tanto para o campo acadêmico quanto para a prática clínica junguiana.

**Palavras-chave:** Psicologia Analítica. Literatura Bíblica. Jonas.

**Abstract:** This article is the result of the 4th FTSA Symposium on Theology. In it, we observe how the biblical narrative, marked by tensions, ambivalences, and unpredictability, offers privileged symbolic material for understanding the movements of human consciousness and its search for meaning. Despite the relevance of this field, there remains a gap in research that deeply articulates Analytical Psychology and Biblical Literature, especially in the reading of the book of Jonah as a psychic experience of transformation. This article uses the method developed by Marie-Louise von Franz to examine the book of Jonah through the narrative structure of tales and the archetypal dynamic between ego and Self. The analysis draws on authors such as

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia na UFRRJ. Mestra em Psicologia pela UFRRJ. Especialista em Neuropsicologia pela UCAM, Pós graduação em Psicologia Junguiana pela FAMATH. Formada em Psicologia - Faculdades Integradas Maria Thereza.

Robert Alter, Edward Edinger, and Hans De Wit, combining literary criticism and symbolic psychology to reveal the therapeutic character of the narrative.

As a contribution, the research demonstrates that biblical fiction can be understood as a “healing fiction,” insofar as it exposes the dilemmas of the inflated ego, resistance to the inner call, and the possibility of psychological rebirth through the integration of divine mercy. The tale of Jonah is thus interpreted as a process of archetypal modeling that leads consciousness toward the experience of compassion and the expansion of the meaning of existence. It concludes that a symbolic reading of the book of Jonah offers a fruitful path for dialogue between Jungian Psychology and biblical spirituality, contributing both to the academic field and to Jungian clinical practice.

**Keywords:** Analytical Psychology. Biblical Literature. Jonah.

## Introdução

Por ser marcada por tensões, ambivalências e imprevisibilidade, a narrativa bíblica constitui um material fecundo para explorar a relação entre a consciência e a busca por sentido na experiência humana. Como lembra Robert Alter (2007), a prosa bíblica revela o entrelaçamento da ação divina com os acontecimentos humanos, conferindo densidade simbólica e existencial às narrativas. Nesse sentido, o texto bíblico pode ser compreendido como um compêndio espiritual, pois apresenta trajetórias humanas atravessadas por conflitos, transformações e abertura ao transcendente.

No âmbito da Psicologia, a espiritualidade é entendida enquanto busca por sentido e propósito na vida, envolvendo crenças, emoções, práticas e vínculos existenciais que podem estar — ou não — relacionados a instituições religiosas (Curcio & Moreira-Almeida, 2019). Assim, o gênero narrativo bíblico pode ser reconhecido como documento histórico e simbólico que expressa a caminhada humana em direção ao sentido da vida.

Apesar deste tema ser um extremamente relevante para a Psicologia, ainda há uma lacuna de pesquisas que articulem de forma aprofundada a Psicologia Analítica e a Literatura Bíblica. Neste artigo buscamos evidenciar como o estudo do livro de Jonas, a partir de uma leitura simbólica pode iluminar movimentos psíquicos de resistência, inflação e submissão da consciência ao *Self*, contribuindo para a compreensão dos processos de transformação psíquica. Tal reflexão se mostra relevante não apenas para o campo acadêmico, mas também para a prática clínica junguiana, pois evidencia como o encontro com o numinoso pode ser vivido enquanto cura e enquanto tormento.

Nossa investigação busca analisar o convite incessante ao renascimento psicológico presente no livro de Jonas. A mitologia, os contos e outras produções humanas são vistas como espelhos para a psique na psicologia formulada por Carl Gustav Jung. De modo que “o estudo da mitologia e da história é, para a psicologia, o que o estudo da filogênese e da anatomia comparada é para a biologia” (Shamdasani, 2015, p. 235).

No que diz respeito à observação da estrutura narrativa de contos, sonhos ou mitos, Marie-Louise von Franz (1990) se destaca por aplicar o método de Jung de forma sistemática, identificando os seguintes elementos: (a) tempo e lugar, (b) personagens envolvidas, (c) exposição da trama, (d) peripeteia, (e) clímax e (f) conclusão. Seguindo sua indicação, propomos observar o livro de Jonas para desvelar como as palavras-imagens — ou palavras-guia do texto — apontam caminhos arquetípicos da consciência frente à “terrível misericórdia” que estrutura sua narrativa.

Através da expressão terrível misericórdia, nos referimos à tensão existente entre o convite à transformação da consciência vivenciado pelo protagonista Jonas e sua resistência ao processo. Sob essa perspectiva, Jonas expõe as tensões entre os desígnios divinos e um ego que oscila entre inflação e submissão ao *Self*. O drama da narrativa concentra-se no eixo ego–Self, conceito desenvolvido por Erich Neumann e trabalhado arduamente por Edinger (2020); este descreve a relação entre a consciência e o arquétipo do Self como análoga à relação do ser humano com seu Criador.

Assim, buscamos interpretar a narrativa de Jonas, através de uma leitura junguiana, como um chamado ao renascimento psicológico, diante da necessidade de integrar a misericórdia — percebida pelo profeta como uma humilhação para a consciência inflada. Este ensaio propõe analisar o livro de Jonas como uma “ficção que cura”, articulando: (1) a apresentação de Jonas como ficção historicizada, (2) a compreensão do conceito de ficção que cura, (3) a leitura simbólica do conto e (4) a análise da inflação egóica como drama arquetípico.

### **Jonas: uma ficção historicizada**

De acordo com Robert Alter (2007), o gênero que mais prevalece na literatura bíblica é o narrativo; estas histórias podem ser consideradas como prosas historicizadas. Sua escrita em prosa desvela maior liberdade e abertura ao imprevisível. Alter (2007, p. 46) comenta: “É um fenômeno peculiar e culturalmente significativo que, entre os povos antigos, somente o de Israel tenha escolhido expressar suas tradições nacionais em prosa”.

A preciosidade da narrativa bíblica encontra-se na intenção do autor em revelar mão de Deus na História humana (Alter 2007, p. 59). Ocupada em demonstrar a tecitura da Redenção por meio dos acontecimentos cotidianos, a Bíblia nos apresenta uma metáfora para aquilo que nos sucede psicologicamente: a busca por sentido na vida.

Observando a imprevisibilidade da prosa de ficção bíblica encontramos em suas alusões, repetições e convenções literárias, chaves para a compreensão da construção de sentido de um texto (ibid). Assim como, na prática clínica ou no ato de fazer pesquisa junguiana, percebe-se que na repetição encontramos caminhos da elaboração simbólica.

O *Homo Sapiens*, o humano que visa saber e ensinar, necessita perceber e

estabelecer redes de conexão ao modo como observa a vida. Esta é a costura invisível que permite narrarmos histórias. A mais importante das histórias que contamos está ligada à percepção de sentido existencial. Em uma linguagem psicológica, trata-se de dar ênfase à relação entre o ego (a consciência) e o *Self*; observaremos esta dinâmica mais atentamente por meio da narrativa de Jonas.

Contudo, convém apresentar o conceito de *Self* e sua relação com a consciência. Edinger (2020) explica que este termo é análogo à imagem e semelhança que a humanidade porta em relação ao Divino na Bíblia Hebraica. O psicólogo afirma que o surgimento da relação ego-*Self* é comparado ao Gênesis 1.26.

O arquétipo do *Self* é responsável por cultivar a personalidade e proporcionar abertura de olhos da consciência para o sentido da vida através da elaboração das aventuras e desventuras que nos sucedem. Conforme Edinger (ibidem), ele se apresenta em cada parte e na totalidade da psique de um indivíduo ou nação.

Embora a experiência com Deus na Literatura Bíblica e com o *Self* na Psicologia Analítica possa expandir a personalidade, ela também lança a consciência em mares de profunda inquietação. A travessia espiritual-psíquica não se dá sem tormentos, pois não é raro que o ego, temeroso do desconhecido, resista à transformação e se recuse a seguir a voz que o convoca a um desígnio.

A relação entre a consciência (protagonistas das narrativas) e Deus é repleta de tensões, tal como a própria trama das narrativas. Robert Alter (2007) escreve que o livro de Jonas é marcado por sátiras e tensões. Em meio a uma aparente desordem, os autores bíblicos nos conduzem à questão principal do livro de Jonas ao fim de sua narrativa. Como em uma boa produção dramática, tensões são mantidas e os ouvintes ou leitores aguardam com expectativa uma solução para a relação entre Jonas e Deus.

Entre eles, parece haver o problema da inflação e/ou a dor de lidar com o exílio. Como se ao tratar o tema da universalidade de Deus, incluindo aos ninivitas, Jonas precisasse lidar com uma resistência descomunal que revela a vulnerabilidade e as defesas de uma consciência diante do imperativo da vocação.

O conceito de resistência, advindo da teoria freudiana, é percebido na psicologia formulada por Carl Gustav Jung (Piere, 2002), como parte do processo analítico, ela demonstra a unilateralidade da consciência e sua recusa em integrar algo que escapa à sua perspectiva e experiências. Também nos revela a tensão entre pares de opostos complementares, tais como: consciência e inconsciente, estagnação e travessia.

Edinger disserta sobre a inflação do ego ser um dos dilemas no caminho da realização da personalidade, é o movimento do ego tentando assumir o lugar do *Self*. Enquanto a consciência rejeita aquilo que lhe é estranho, “o Si-mesmo, na qualidade de centro e totalidade da psique, capaz de conciliar todos os opostos, pode ser considerado o órgão de aceitação *par excellence*” (EDINGER, 2020, p. 61).

Neste sentido, podemos compreender a inflação como um tipo de resistência.

Hans De Wit (2008) propõe a leitura do livro de Jonas “com Jonas”, isto é, a partir deste corpo que se coloca para uma terra que é governada tiranicamente pelo Império Assírio. Essa pequena mudança de olhar retira Jonas do lugar de alguém que é julgado até mesmo pelo leitor, levando-o a ser observado como alguém que sofre e leva, em seu corpo e alma, as marcas do medo de lidar com o outro.

De Wit (ibid) descreve Jonas como aquele que porta uma memória visceral do sofrimento; é o trauma inscrito no corpo-alma que somos. A resistência engloba um saber sobre a dor que uma temática inflige sobre nós. O profeta, enquanto representante da mensagem de Deus, carrega um conflito em si mesmo: é alguém escolhido para uma determinada tarefa, o que faz dele alguém especial. No entanto, essa mensagem vem carregada de afetos e dissabores que, em nossa perspectiva, levam Jonas a ser um representante da inflação egóica negativa e positiva, impactando a leitura simbólica do conto e a tecitura dos comentários sobre o conceito de inflação.

Jonas tem motivos para considerar-se especial; ele é o portador da mensagem divina e representante da nação escolhida. Contudo, a dor do profeta reside em sua vocação, ele é chamado a sofrer, a transmutar-se em sua relação com Deus e com os ninivitas. Assim, o profeta é eleito/chamado a levar a mensagem de YHWH a um outro povo, trazendo à tona a universalidade de Deus (Alter, 2007), sua soberana vontade e a pequenez do ego diante dos desígnios do *Self*.

Aqui começa a ser possível tatear a potência da contação e da leitura deste pequeno conto bíblico que, conforme James Ackerman (1997), crítico literário, foi elaborado como um modo de Israel atravessar o tema do sofrimento no exílio assírio e a dificuldade em reestabelecer-se em Jerusalém após este. Algo difícil diante das camadas da História, da narrativa e da personagem de Jonas. Passaremos ao conto para melhor observação da trama, logo após a introdução ao termo ficção que cura (*healing fiction*).

### **Jonas: uma ficção que cura (*healing fiction*)**

O termo ficção que cura é uma expressão escolhida para retratar *healing fiction* que conforme Gustavo Barcellos (2010), analista junguiano e tradutor das obras de James Hillman, engloba diversos níveis de sentido:

Aponta, simultaneamente, para a noção de uma ficção curativa, para a cura da ficção e para a sugestão de que é a ficção, ou o sentido ficcional do que chamamos realidade psíquica, o que verdadeiramente nos cura [...] E há ainda a sugestão de que precisamos também “curar” nossas ficções, o modo como usamos as teorias de que dispomos para compreender nossas histórias, ou seja, que precisamos usá-las numa chave metafórica (Barcellos, 2010, p. 8).

Desde a possibilidade descrita por Arckerman (1997), já poderíamos descrever

Jonas como uma ficção que cura para aquele contexto. No entanto, a chegada deste texto aos ouvintes e leitores atuais e sua constante menção e rememoração, revela a vivacidade de Jonas na psique humana, indicando o caráter arquetípico do conto e, portanto, a validade ilimitada da mensagem que porta.

O dilema principal de Jonas é apresentado logo nos primeiros versículos:

A palavra do SENHOR veio a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Levante-se, vá a Grande cidade de Nínive e pregue contra ela, por que a sua maldade subiu até a minha presença (Jonas 1:1-2)<sup>2</sup>.

A palavra de YHWH enquanto unidade que cria mundos, veio a Jonas. Deus fala diretamente com seus profetas na Literatura Bíblica, a voz que guia o cultivo da consciência é apresentada na Bíblia Hebraica de modo ímpar. Como se houvesse uma lente de aumento para o modo operativo da relação *ego-Self*, nesta literatura.

Enquanto outras mitologias ocupam-se dos oráculos e vivência inconsciente dos desígnios divinos, a Bíblia relata os dramas dos profetas que conhecem os desígnios de Deus, sua intenção em fazer algo no mundo. Essa questão coloca o profeta em lugar de destaque, mas também de sofrimento.

Na obra *A Bíblia e a Psique*, Edinger comenta:

Ser favorecido de modo especial é lisonjeiro e causa inflação [...] Contudo, se o status de alguém especial for aceito conscientemente e de maneira madura, é expresso na atitude de Samuel: “fala, Senhor, que teu servo escuta” (1Sm 3,10) (Edinger, 2024, p. 187).

Desta forma, podemos observar o profeta sendo chamado a encarnar a palavra criadora de mundos. Essa dimensão interpretativa fica ainda mais nítida quando retomamos o método de Marie Louise von Franz para observar contos e notamos os dois locais que aparecem em Jonas, no desenrolar de sua narrativa: a água nos dois primeiros capítulos e a terra nos dois últimos.

Os autores (Batista *et al.*, 2021) que apontam estes ambientes fazem uma leitura histórica e geográfica de Jonas; não se aprofundam na dimensão simbólica e literária. Assumindo este caminho analítico, percebemos por meio da contribuição de Suzana Chwartz (2018) que são estes os dois ambientes que mais simbolizam estados de pré-existência na Bíblia Hebraica.

Águas da pré-criação atormentaram Jonas nos capítulos 1 e 2. Observando por essa ótica vemos que não há confronto entre a palavra de Deus e o que sucede no conto. Pois, é justamente das águas que emerge a terra no Gênesis. O profeta desce ao estado de pré-existência, ao fundo do mar e ao ventre do peixe, e é intimado a antropomorfizar a própria árvore do conhecimento, ao desvelar ao povo ninivita o bem e o mal.

Na terra de Nínive, o tema da corrupção e, portanto, de esterilidade espiritual é

---

<sup>2</sup> Todas as citações bíblicas do capítulo são da tradução Nova Almeida Atualizada (Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017).

anunciado também nestes primeiros versículos. A corrupção do coração humano foi o motivo do dilúvio relatado no Gênesis 6. A encarnação da palavra criadora em Jonas, era a arca da salvação para o povo ninivita e para a expansão da consciência do próprio profeta.

Assim, nos primeiros versículos de Jonas temos indicado o lugar e a trama da narrativa, é um local simbólico: a travessia, um caminho de onde Jonas habitava até Nínive. Neste sentido, também observamos neste início a trama da narrativa: Deus convocava Jonas para uma jornada interna e externa, para o renascimento.

Não há indicação explícita do lugar e do tempo em que Jonas vivia. Conforme 2 Reis 14:25, Jonas, filho de Amitai, atuava como profeta no reinado de Jeroboão II, revelando a restituição dos termos de Israel. Apesar de pesquisas sinalizarem o perigo do anacronismo em estabelecer essa ligação, do ponto de vista simbólico não nos importa definir se o Jonas que foi a Nínive e este eram, de fato, o mesmo, mas seguir a indicação da literatura bíblica enquanto fio condutor para a produção de sentido do drama da alma, pois, este sim é o objeto de nosso estudo.

Reinke (2021, p. 228), teólogo e historiador, nos conta que o reino de Jeroboão II foi caracterizado por um período de prosperidade, mas que havia muita desigualdade social. A concentração de renda na monarquia era a marca daquele reinado ao qual Jonas servia. Desta forma, o tema da riqueza e do conforto da posição de Jonas em II Reis 14:25 é contrastada com a imagem do profeta que sofre com a tarefa de ir a Nínive.

Nosso protagonista é filho de Amitai, nome hebraico que pode significar “minha verdade”<sup>3</sup>. Em toda a narrativa, observamos o quanto isto é uma realidade na vida de Jonas. Seus pensamentos, seus sentimentos, se opõem aos planos de Deus. A verdade que o rege é egóica e não aquela que produz aprofundamento e transformação da personalidade, esta pode ser a origem de seu sofrimento frente ao chamado divino. Existe uma evitação, uma fuga interna que se concretiza no movimento de Jonas de tomar a direção contrária aquela proferida por Deus.

Temos reveladas as personagens que compõem a trama desta ficção-historicizada, circunscrevendo o segundo ponto da analista junguiana von Franz. Ao longo da trama, vemos o rei e os animais aparecendo. Na leitura desenvolvida por essa autora, um rei pode significar a consciência regente da personalidade e os animais são análogos ao nível instintivo da psique humana (von Franz, 1990).

Ou seja, estamos diante de uma totalidade convocada à transformação. Conforme a narrativa bíblica todos os habitantes de Nínive, incluindo os animais, ouvem a mensagem do profeta e se rendem a voz do *Self* através de Jonas. Somente o profeta mantém a postura inflada diante de Deus e dos ninivitas.

Outro dilema de Jonas em sua jornada que se une ao problema do chamado, é a convocação a dispor-se, levantar, descrita na expressão *kun*. Como se a consciência de Jonas perante Deus e sua jornada estivesse dormindo e/ou fugindo. Ele ouve levantar-se na chamada (Jonas 1:2), levantar-se do sono na tempestade em alto mar (Jonas 1:6),

<sup>3</sup> Disponível em: [https://biblehub.com/hebrew/kum\\_6965.htm](https://biblehub.com/hebrew/kum_6965.htm). Acesso em: 11 nov. 2025.

levantar-se e vá a cidade de Nínive (Jonas 3: 2).

Para descer das alturas que Jonas habitava psiquicamente, era preciso um forte confronto. E, é justamente esta uma das expressões que mais se repete no livro de Jonas: descida. Inicialmente a convocação para dispor-se leva Jonas a descer (*yarad*). Desce para Tarsis e desce ao fundo do navio (Jonas 1:3). Ouve despertar do mestre do navio e desce ao fundo do mar no ventre do grande peixe (Jonas 1:17). Isso parece anunciar a pequenez do ego diante dos desígnios de Deus/*Self*, nas palavras da literatura bíblica “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?” (Salmos 139: 7). Acrescido a isto, observamos a descida como imagem de um processo de morte e convite ao renascimento.

Em todo este desenvolvimento temos a *peripeteia* do conto, terceiro ponto ressaltado por von Franz (1990). Nela observamos o lugar mais fundo até onde Jonas desce, convidado a renascer e descobrir a compaixão como imagem de Deus: o ventre do grande peixe. É nas entranhas do peixe que ele clama e louva a misericórdia divina. Ele a conhece por uma experiência visceral. Jonas estava sendo chamado a renascer. Convocado a uma nova consciência e a rever sua relação com Deus e seus semelhantes. Como se o ventre do peixe — uma imagem arquetípica que nos leva a pensar na própria gestação de um ser — fosse o lugar ideal para enfrentar a morte e despertar para a vida.

Ali, após ser lançado no mar e habitar a profunda escuridão, Jonas começou a descobrir a terrível misericórdia que impõem ao ego um caminho de desenvolvimento. Por três dias e três noites, ele esteve envolto no mistério visceral do chamado ao renascimento.

Agora era necessário percorrer o caminho. Algo que aquele que se pensava protagonista fez em um dia, ao invés de três. Para espanto e angústia de Jonas, toda a cidade e o rei puseram-se em jejum, cobrindo-se de panos de sacos e cinzas; até mesmo os animais participaram do movimento (Jonas 3: 1-9).

O rei de Nínive proclamou que todos necessitavam arrepender-se de seu caminho de violência e da obra de suas mãos para que encontrassem possibilidade de tocar o coração de Deus e redefinir o destino de tantas vidas. Interessante notar que a palavra de busca por arrependimento é colocada na boca do rei, e não na do profeta, que apregoava apenas a destruição (Jonas 3:4).

Jonas estava descobrindo um modo diferente de vida, uma perspectiva distinta de Deus, dos outros e tudo o que compunha seu mundo, apesar de dizer que já conhecia a bondade de Deus e argumentar que esta era a razão de sua fuga. Vendo toda a cidade arrependida:

[...] Jonas ficou muito aborrecido e com raiva. Ele orou ao SENHOR e disse: -Ah! SENHOR! Não foi isso que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que tu és Deus bondoso e compassivo, tardio em irar-se e grande em misericórdia, e que mudas de ideia quanto ao mal que anunciaste. Agora, SENHOR, peço que me tires a vida, porque para mim é melhor

morrer do que viver (Jonas 4:1-3)

A percepção de um não-protagonismo e a vivência de morte egóica estão presentes neste diálogo. Aquilo que ainda não havia sido notado por Jonas é que ele já estava sendo retirado da vida, não da vida concreta e de seu próprio corpo. Mas, de uma perspectiva de vida fundamentada em sua inflação.

Jonas muito se alegrou com a planta que Deus fez crescer para proteger sua cabeça do calor do sol e do fogo da raiva. Mas, no dia seguinte, Deus mandou um verme atacar a planta e Jonas se irou. Deus enviou um vento leste muito quente e Jonas novamente pediu a morte.

“Me mata”, “tira a minha vida” por vezes Jonas pede a Deus que o faça e a imagem que reverbera é o ventre do peixe. Quem sabe com estas palavras Jonas não tenha denunciado justamente aquilo que diz a Deus: a sua compaixão, a sua misericórdia, me matam!

Essa terrível misericórdia que promove a queda egóica e seu renascimento, revela a sabedoria e o amor expressos pela misericórdia divina. Por meio dela, observamos no *Self*, que é integrador por excelência, a compaixão como base para a vida humana.

O livro termina em seu clímax, com o confronto de Deus a Jonas, revelando o Criador como artesão da existência — e para nós, também, da produção de sentido. A posterior indagação que encerra o conto torna nítida a aliança entre Deus e sua criação:

E o SENHOR disse: - você tem compaixão da planta que não lhe custou nenhum trabalho. Você não a fez crescer. Numa noite ela nasceu e na noite seguinte desapareceu. E você não acha que eu deveria ter muito mais compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem distinguir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais? (Jonas 4:10-11).

Ora, Jonas foi arguido tal como Jó e o cerne de sua aprendizagem é a compaixão, a expressão hebraica *hus*, pena ou piedade, que pode ter sido utilizada por associação fonética com *hesed*, misericórdia (Ackerman, 1997). Intimamente relacionada ao ventre, *rechem*, pela raiz hebraica comum. Afinal, foi isto que Jonas respondeu a Deus, justificando-se e pedindo a morte, a sua *rachum*, misericórdia, compaixão me fez fugir<sup>4</sup>.

Deus revela a Jonas que os habitantes de Nínive desconhecem a potência da obra de suas mãos para a vida e para a morte, a justiça da mão direita e a maldade da esquerda, caminho da vida do caminho da morte. De forma que o papel de Jonas ali era propiciar o que o *Self* lhe indicava: despertem. Levantem-se da condição de seguir seus próprios impulsos e submetam-se a uma jornada que possibilita construção de sentido para a vida.

Ao encerrar a narrativa com a fala de Deus, o último ponto da estrutura elaborada por von Franz, a conclusão ou resolução, salta da história para a consciência que a

<sup>4</sup> Disponível em: <https://biblehub.com/bdb/2587.htm>. Acesso em: 31 out. 2024.

ouve ou a lê. Situando o livro de Jonas como um documento narrativo e simbólico que promove a reflexão. O leitor é convidado a refletir junto ao personagem sobre a questão colocada por Deus.

A fim de sintetizar a leitura que fizemos a partir do método de Von Franz, elaboramos o quadro abaixo:

### Quadro analítico Jonas

Metodologia para análise	Livro de Jonas
Tempo e lugar	Tempo: permanece em aberto. Lugar geográfico: Nínive (Capital do Império Assírio) Lugar simbólico: travessia.
Personagens envolvidas	Jonas, marinheiros, rei de Nínive, ninivitas, animais, verme e Deus.
Exposição da trama	Jonas é intimado a ir a Nínive levar uma mensagem de necessidade de arrependimento com relação à maldade cometida pelo Império.
Peripetéia	Caminho de oscilação da consciência de Jonas, observado em sua posição física: fundo do barco X testemunho que era hebreu, ventre do peixe X oração que faz a Deus, entrega a mensagem X senta-se para ver a destruição da cidade.
Clímax	Confronto de Deus a ele em Jonas 4:10-11.
Conclusão	Parece saltar do texto para a consciência do ouvinte ou leitor, como uma questão ainda em aberto.

**Fonte:** Elaboradora pela autora.

Como percebemos, o conto de Jonas descreve uma consciência que luta por opor-se aos desígnios do *Self*, sendo, portanto, fundamental para a observação de um ego inflado. Ante a essa questão, convém debruçarmo-nos sob o tema da inflação e da obediência à voz do *Self*.

### **Inflação egóica: um problema arquetípico**

Notamos como os dilemas e potências de Jonas apontam para um processo arquetípico de cultivo de consciência. Iniciando nosso caminho a Nínive descrevemos a narrativa de Jonas como uma ficção-historicizada, apresentando o conceito de *healing fiction* junto a essa possibilidade de compreensão.

Agora passamos a observar com um *zoom* a questão da inflação egóica frente a soberania do *Self*. Encontramos em outras mitologias a questão da inflação, temos, por exemplo Ícaro.

Na tragédia relatada na mitologia Grega, Ícaro recebe uma instrução de seu pai sobre a necessidade de voar de modo mais prudente com suas asas feitas de cera, no entanto, ele não a escuta. Alçando voos tão perto do sol que suas asas derretem e ele sofre uma queda no mar, onde morre afogado.

Conforme o dicionário dos símbolos (Chevalier; Gheerbrandt, 2019) o sol em muitas culturas da antiguidade tem seu significado simbólico associado à glória de alguém ou a vitória sobre às trevas. No caso de Ícaro, sua posição e atitude frente à instrução do pai e o poder que ganhou através das asas, revelam, nitidamente, a questão da inflação.

No entanto, diferente de Jonas, que ouve uma convocação para se levantar e desce, Ícaro recebe a direção de não se inflar em demasia. Jonas, vivia uma inflação velada, observada apenas como desobediência à voz de Deus ou fuga até que ele se posiciona acima da cidade de Nínive, esperando a destruição dos ninivitas, enquanto ele estava à sombra e água fresca. É ali que ele é confrontado mais uma vez, como vimos anteriormente.

Enquanto Ícaro é punido com a morte por sua inflação, Jonas vivencia constantes oportunidades para renascer através de seu diálogo com o *Self*. Ou seja, a personagem bíblica precisa viver uma morte simbólica e não literal. Conforme o filósofo Jean Yves Leloup: “a morte do ego pode ocorrer para a vitória do *Self*” (Leloup, 2003, p. 61).

Jonas é convidado a ir ao encontro do outro externamente e interiormente, ele precisa atravessar a resistência e descer à sua Nínive pessoal. Ao insistir na tarefa dada a Jonas, a imagem do *Self* revelada por Deus neste conto revela mais do que um ensinamento sobre os limites do ego, nos atrai à dimensão do propósito e da misericórdia como superiores aos desejos e impulsos da consciência inflada.

A tragédia grega insiste veementemente na punição severa dos seres humanos ou deuses menos poderosos que se encontram com as divindades, tais como Ícaro ao voar tão perto de Hélios, o deus sol; enquanto a Literatura Bíblica persevera em

cultivar a consciência de suas personagens, chamadas por Deus, elevando-as à imagem e semelhança divina por meio da cotidiana modelagem de Deus.

Conforme Auberbach, na Bíblia, além de uma eleição e chamado, percebemos um processo de modelagem:

[...] as figuras do Velho Testamento estão constantemente sob a dura férula de Deus, que não só as criou e escolheu, mas continua a modelá-las, dobrá-las, amassá-las, extraindo delas, sem destruir sua essência, formas que a juventude dificilmente deixava prever [...] Pois, eles são os portadores da vontade divina, e mesmo assim, são falíveis, sujeitos a desgraça e humilhação- e em meio a desgraça e a humilhação manifesta-se, através das suas ações e palavras, a sublimidade de Deus (AUERBACH, 1971, p. 15).

Desta forma, a inflação de Jonas é alvo da modelagem do Oleiro. Esta é uma verdade psicológica enquanto a consciência existir está sujeita a este processo que denominamos individuação na Psicologia Junguiana. Este conceito engloba a jornada de realização da personalidade através da imagem de Deus (do *Self*) em nós.

Jonas está apegado à sua perspectiva de vida. Leloup descreve o complexo de Jonas como um medo de amar, já que ele foi chamado a ir até os inimigos de Israel, sua resistência revela uma estagnação do ego que o estudioso descreve como normose. A análise feita por Leloup, não considera o Jonas retratado em 2 Reis 14:25; por isso, sua leitura da reação dele apenas como um medo de amar.

Ainda assim, a leitura de Leloup de Jonas como um conto que cura é clara quando escreve: “Jonas está em cada um de nós. Quando recebemos o convite para nos levantar, para despertar do nosso sono, alguma coisa dentro de nós ainda resiste” (Leloup, 2003, p. 71).

Esta resistência frente a uma tarefa que possibilita a expansão da personalidade é descrita por Jung da seguinte maneira:

Se o indivíduo efetuar isto de maneira consciente e intencional, evitará todas as consequências desagradáveis que decorrem de uma individuação reprimida; isto é, se assumir de livre e espontânea vontade a inteireza, não será obrigado a sentir na carne que ela se realiza dentro dele contra a sua vontade, ou seja, de forma negativa. Isto significa que se alguém está disposto a descer um poço fundo, o melhor é entregar-se a esta tarefa adotando todas as medidas de precaução necessárias, do que arriscar-se a cair de costas pelo buraco abaixo (Jung, OC 9/2, §125).

Do ponto de vista simbólico, este parágrafo escrito por Jung sintetiza o drama de Jonas, sua resistência opera contra um processo de transformação da consciência. Desta maneira, compreendemos a expressão de Leloup ao retratar a resistência de Jonas e os incessantes convites a que a protagonista se levante no livro bíblico.

## Considerações finais

Conforme observamos, a narrativa de Jonas convida o leitor a refletir sobre as tensões existentes entre a resistência e a transformação de consciência. O processo de recriação do mundo psíquico e do mundo externo, coexiste na literatura de Jonas. A palavra que o profeta está levando é uma mensagem para si mesmo e para o mundo.

A partir do diálogo proposto neste ensaio, notamos como a Psicologia Analítica Junguiana pode cooperar para uma leitura simbólica do texto bíblico e como este documento revela dramas psíquicos ainda atuais. Apesar disto, a presente pesquisa sofreu o impacto da baixa produção entre os campos da Psicologia e da Literatura Bíblica, desvelando, simultaneamente, limitações e lacunas para pesquisas futuras.

Ao observarmos a inflação como realidade psíquica presente nas mitologias, ampliamos nosso olhar para os modos como o diálogo entre consciência e arquétipo do *Self* são afetados nesta dinâmica incutindo riscos como: a não realização da personalidade, estagnação, perda do sentido da vida e rigidez egóica diante da alteridade.

Encerramos este artigo lendo Jonas como imagem do humano em processo: aquele que resiste, desce, escuta e pode renascer. A travessia do profeta é, portanto, a travessia de todos nós — um convite para que, diante da terrível misericórdia que insiste em modelar consciências resistentes, possamos chegar a uma sociedade de mais alteridade e menos egocentrismo.

## Referências

ACKERMAN, James Sloss. Jonas. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (org.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: UNESP, 1997.

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 1-24.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. [S. l.]: Bible Hub, [s. d.]. Disponível em: <https://biblehub.com/bdb/2587.htm>. Acesso em: 31 out. 2024.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. [S. l.]: Bible Hub, [s. d.]. Disponível em: [https://biblehub.com/hebrew/kum\\_6965.htm](https://biblehub.com/hebrew/kum_6965.htm). Acesso em: 11 nov. 2025.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

CHWARTS, S. Entre o Deserto e o Mar. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, São Paulo, n. 15, p. 176-185, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cllh/article/view/142470>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BATISTA, João et al. Em busca dos sentidos políticos do Livro de Jonas: nova visão da geografia e a ficção profética como denúncia da história. *Caminhando*, [S. l.], v. 26, p. 1-17, 2021. Disponível em: [Em busca dos sentidos políticos do Livro de Jonas: nova visão da geografia e a ficção profética como denúncia da história - Archive ouverte HAL](#). Acesso em: 12 ago. 2025.

BARCELLOS, Gustavo. *Ficções que curam*. Editora Verus: Rio de Janeiro, 2010.

CURCIO, Cristiane Schumann Silva; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Investigação dos conceitos de religiosidade e espiritualidade em amostra clínica e não clínica em contexto brasileiro: uma análise qualitativa. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 281-292, 2019.

EDINGER, Edward F. *Ego e arquétipo*. São Paulo: Cultrix, 2020.

EDINGER, Edward F. *A Bíblia e a psique*. Petrópolis: Vozes, 2024.

FRANZ, Marie-Louise von. *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Paulus, 1990.

JUNG, Carl G. Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. In: JUNG, Carl G. *Obras completas de C. G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2011. v. 9/2.

LELOUP, Jean-Yves. Normose e o Complexo De Jonas. In: WEILL, Pierre (org.). *Normose: a patologia da normalidade*. São Paulo: Verus Editora, 2003. p. 69-76.

PIERE, Paolo. *Dicionário de conceitos junguianos*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

REINKE, André D. *Aqueles da Bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.